

Resenhas

Schnaiderman, Boris, *Tradução, ato desmedido*. São Paulo: Perspectiva, 2011. 213 páginas.

Nascido na cidade de Úman, Ucrânia, em 1917, Boris Schnaiderman veio com os pais para o Brasil em 1925. Formado em Engenharia Agrônômica e ex-combatente da FEB na Itália, notabilizou-se, sobretudo, por suas traduções de Púschkin, Tolstói, Dostoiévski, Tchêkhov e outros autores russos, além de explorar a fundo, em diversos textos publicados ao longo de décadas, os meandros do complexo ato de traduzir. Como reconhecimento de seu profícuo trabalho, ostenta, dentre outros, o Prêmio Jabuti pela tradução da obra *A dama de espadas* (Editora 34, 1999), de Púschkin, além de ter sido agraciado com o Prêmio de Tradução da Academia Brasileira de Letras no ano de 2003.

Sua mais recente obra, *Tradução, Ato Desmedido*, contém alguns textos inéditos e outros que já foram veiculados na imprensa brasileira ou em outros livros. Trata-se de uma coletânea dividida em 15 capítulos, dos quais o primeiro, denominado *Caleidoscópio do Tradutor*, é o mais extenso. Nele, à guisa de introdução, o autor faz severas referências críticas a seus trabalhos

iniciais como tradutor, ainda nos anos 40, quando assinava como Boris Solomonov. Em seguida, aborda uma série de temas que certamente interessam tanto a tradutores quanto a leitores de obras traduzidas, dentre os quais se destacam: regras não escritas de tradução, abasileiramento de situações originalmente estrangeiras, precisão semântica e de tom, tradução de títulos de filmes e romances, “soluções felizes” de tradução, linguagem comum e jargão profissional, notas do tradutor, eufemismos e “pruridos” puritanos, estranhezas gramaticais, erros de imprensa, tradução e memória, tradução e ritmo etc. Em cada um desses trechos, em geral curtos, mas bastante ricos em conteúdo, Boris Schnaiderman faz comentários pertinentes sobre os textos traduzidos e sobre a tarefa do tradutor, sempre buscando realçar os percalços a que se vê sujeito, não raro, esse profissional. Num trecho intitulado *Um Tradutor no Redemoinho*, ao discorrer sobre Leone Ginzburg, ucraniano de origem e professor de literatura russa em Turim na primeira metade do século XX, inicia seu texto com a seguinte frase: “A tradução perfeita não existe, o erro nos espreita em cada esquina.” Ao longo de seu livro, a problemática dos erros e a busca da perfeição surgem como verdadeiros *leitmotiv* que prendem a atenção do leitor, fazendo-o querer descobrir mais e mais detalhes que mostrem a riqueza e a complexidade da tarefa a que se dedicam os tradutores.

Nos 14 capítulos subsequentes, constituídos, cada um deles, de trechos relativamente curtos sobre uma temática bem particular, Boris Schnaiderman leva seus leitores a uma viagem por diferentes problemas, fenômenos, obstáculos, acertos ou desacertos de traduções, sempre ligados diretamente àquilo a que ousa dar o nome, já no título desta sua coletânea, de “tradução, ato desmedido”. No Capítulo 3, por exemplo, sob o título *O Céu e o Inferno do Ato de Traduzir*, aborda, ainda que de maneira breve, a discussão sobre a “letra”, proposta por Antoine Berman em seu livro *A tradução e a Letra: ou o Albergue do Longínquo* (tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini, Rio de Janeiro: 7Letras, 2007). Às ideias de Berman, associa o pensamento de Walter Benjamin, descrito no famoso ensaio “A Tarefa-Renúncia do Tradutor” (tradução de Susana Kampff Lages, em W. Heidermann (org.), *Clássicos da Teoria da Tradução*, v. 1, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001). No Capítulo 6, *Surpresas de uma Encenação*, enfatiza o excelente trabalho de grandes intérpretes de Górkí no Brasil, mencionando, para ilustrar, José Celso e Ítala Nandi, cujo trabalho somente foi possível graças à tradução de obras do grande escritor russo para o português do Brasil. Em *Vicissitudes de um Poema*, Capítulo 7, faz considerações sobre a tradução do poema *O Cavaleiro Pobre*, de A. S. Púschkin, outrora parafraseado por Olavo Bilac. No Capítulo 10, intitulado

Haroldo de Campos, Poesia Russa Moderna, Transcrição, Boris Schnaiderman presta uma homenagem a seu “amigo de muitos anos”; ali também surgem, inevitavelmente, nomes como Maiakóvski e Augusto de Campos. No Capítulo 14, após citar mais uma vez Haroldo de Campos, o autor faz a seguinte revelação: “Ora, quem se entrega ao trabalho de ‘analisar poesia’ acaba possuído por uma *hybris* não menos absorvente.” Retorna, aí, aos *Paradoxos da Profissão Impossível*, que já abordara no Capítulo 4. No último capítulo, o de número 15, faz menção às relações entre a obra de Dante e de grandes escritores russos, nomeadamente Púschkin, Gógol, Dostoiévski, dentre outros.

No livro *Tradução, Ato Desmedido*, o autor proporciona, ao leitor, uma rica viagem pelo mundo da tradução literária. Nesse luxuoso passeio, Boris Schnaiderman, seja em seu árduo mister de traduzir grandes obras literárias, seja em sua minuciosa tarefa de analisar o próprio ato de traduzir, não tenta esconder, sob hipótese alguma, a posição antitética que, por vezes, o tradutor tem de assumir para realizar seu ofício-arte. Entre o orgulho e a modéstia, entre a *hybris* e a sofrósina, o tradutor tenta estabelecer uma ponte entre diferentes línguas-culturas. Aludindo ao famoso dístico de Ortega y Gasset, o erudito ucraino-brasileiro chega a cunhar novas e significativas dualidades, em seu afã de definir o ato de traduzir: “Elixir e veneno,

néctar e fel, ‘esplendor e miséria’,
júbilo e tormento, a tradução é dos
atos capitais da vida humana”.

Este livro de Boris Schnaiderman
mostra, antes e acima de tudo,
que, apesar do “caminho cheio
de armadilhas”, dos “atalhos pe-
dregosos”, das “vicissitudes”, dos
“paradoxos de uma profissão im-
possível”, é possível, sim, traduzir.
Afinal de contas, “cada tradutor se
aperfeiçoa, torna-se ‘menos ruim’,
pela autocrítica”.

Tito Lívio Cruz Romão
DLE-UFC/PGET-UFSC

